

NOSSO TEATRINHO

É MAIS DOCE PERDOAR..

HISTÓRIA E REALIZAÇÃO DE ERICO CRAMER

*OK*

PERSONAGENS:

*Catirera* — PADRE AUGUSTO..... *J. PIRES* WALTER BRODA ~~X CESAR MACHADO~~  
*Marta* — DORALICE..... *LILIAN LEMERTZ* ROSA MARIA  
*Randa* — QUITERIA..... LINDA GAY  
*Vinicius* — CAETANO..... ~~GERSON EUTZ~~ X VINICIUS SALVADOR  
*Magnus* — FERNANDO..... ~~JORGE MARQUES~~ X GUDY EMUNDS  
*Neusa* — LAURITA..... ~~MARIA BEATRIZ PACHECO~~ X MARIZA  
*Marlene* — EULALIA..... RINA SERIANA  
*Elvira* — FIGURANTE..... MARLENE NERY  
EMPREGADA..... ELVIRA TEREZINHA

CENARIOS:

- 1º) - SET DE ROTUNDA ESCURA COM CONFESSONARIO
- 2º) - SET DE MALOCA
- 3º) - SET DE PRAÇA COM BANCO
- 4º) - ~~SET DE~~ SALETA ARRUMADA *4 côsto, (BAR)*
- 5º) - SET DE ESCRITÓRIO LUXUOSO

DATA DA APRESENTAÇÃO..... ~~25.9.1960~~ *9.10.60*

TV PIRATINI - CANAL 5

*Handwritten pink scribbles*

*Handwritten signature*

NOSSO TEATRINHO

É MAIS DOCE PERDOAR.

HISTÓRIA E REALIZAÇÃO  
DE ÉRICO CRAMER.

SLIDES

AUDIO - PREFIXO MUSICAL

- 1º) TV PIRATINI apresenta
- 2º) - em NOSSO TEATRINHO
- 3º) - É MAIS DOCE ~~EM~~ PERDOAR.
- 4º) - com LINDA GAY  
~~GERSON LUIZ~~ VINICIUS
- 5º) - ROSA MARIA  
~~WALTER BRODA~~ CESAR
- 6º) - RINA LARA ~~CECÍLIA~~ RIANA  
~~JORCELY MARQUES~~ GUDY
- 7º) - MARLENE NERY - ELVIRA TEREZINHA  
E MARIA BEATRIZ PACHECO
- 8º) - CENOGRAFIA DE EMIL ZSELINSKI
- 9º) - ILUMINAÇÃO DE VIDAL DE NEGREIROS
- 10º) - SONOPLASTIA DE...
- 11º) - CONTRA REGRA DE NEY, DINIZ E NERY
- 12º) - ASSISTENTES DE ESTUDIO  
ANTONIO FAGUNDES E TELMO AGUILAR
- 13º) - SUITE CAMBISES MARTINS
- 14º) - HISTÓRIA E REALIZAÇÃO DE E. CRAMER

AUDIO - DISSOLVE

ABERTURA em: DET de um CRUCIFIXO, suspenso  
um pouco acima do quadro de grades de um  
confessionário.

PAN. VERT. desce para uma mulher de fardamen  
to de xadrez e um chaile na cabeça, ajoelha  
da no confessionário.

AFASTAMENTO até P.A. da mulher que é DORALICE.

CORTE.

P.A. do PADRE AUGUSTO, do outro lado do mes  
mo confessionário, confessando DORALICE.

AUGUSTO - Minha filha, o ódio que acabas de me revelar contra o homem que desgraçou a tua mocidade, poderá trazer-te de volta a êste reformatório em muito pouco tempo. Principálmente sendo como dizes, que já sabes onde encontrá-lo.

DORALICE - (F.Q.) Sim. Desde que fui sabedora, pelos jornais de São Paulo, de que êle fôra nomeado diretor de um banco, na capital daquele Estado, <sup>que</sup> nunca mais o perdi de vista, aguardando este momento de ver cumprida a minha pena e voltar a encontrá-lo. Temos contas a ajustar, Padre Augusto.

AUGUSTO - Por que não deixas que esse ajuste seja reclamado por Deus, minha filha? Não confias n'Ele?

DORALICE - Deus nunca me prestou muita atenção, Padre Augusto.

AUGUSTA - Minha filha, por favor, não digas semelhante coisa!

CORTE

P.P. do rosto de DORALICE, através das grades do quadro.

DORALICE - Então o senhor acha que Deus poderia ter olhado para mim sem se como ver com uma existência inteira de sofrimento? Não é possível, Padre Augusto. Ele não viu o meu sofrimento, estou certa. Se visse, teria minorado as minhas penas.

CORTE.

P.P. de PADRE AUGUSTO

AUGUSTO - É que Deus não pode ver aqueles que se afastam d'Ele, minha filha. Os que o procuram e a Ele rogam com sinceridade, a esses Ele nunca deixa de ~~at~~ atender.

AFASTAMENTO até P.A. de P.AUGUSTO

AUGUSTO - Em vinte anos que estás aqui dentro, eu não me lembro de te ter visto à capela uma única vez. E mais: todas as vezes em que te convidei para uma confissão, tu me repeliste com amargor e muitas vezes, até, com violência.

DORALICE - E o senhor acha que me teria adiantado alguma coisa deixar-me convencer?

AUGUSTO - Está claro que sim. Terias sido vista e lembrada por Deus de quem te queixas que foste injustamente esquecida.

Se tivesses aberto teu coração à maravilha da presença de Deus, não estarias, agora, a arder neste ódio sem fim que te consome. (Pausa) Nunca pensaste em perdoar, filha? É tão doce o perdão! Tão salutar! Tão confortante! Tão agradável! Tão ameno! Por que não o experimentas?

DORALICE - Não posso, Padre. Não posso! Meu ódio é tão intenso e tão profundo que a ideia mais remota de um perdão para as suas faltas se cresta e se transforma em cinza antes que tenha conseguido alojar-se no meu coração.

AUGUSTO - Mas afinal, minha filha, que mal te fez esse homem? Até agora só me disseste do ódio que lhe tens, sem revelar as razões que te levaram a tanto odiá-lo.

CORTE.

P.A. de DORALICE, ajoelhada, elevando os olhos para o CRUCIFIXO QUE ESTÁ na parede do confessionário, à cima da sua cabeça.

DORALICE - Eu lhe juro, meu Padre, por este Cristo que aqui está me vendo e me ouvindo, como tudo que vou lhe contar é verdade. Eu era ainda uma mocinha e morava

PAN. VERT. sobe para o CRUCIFIXO

FUSÃO com DET de outro CRUCIFIXO, na parede do SET DE MALOCA.

AFASTAMENTO até P.M. de QUITERIA E CAETANO, ambos bebidos e arrastando a língua, sujos e maltrapilhos.

QUITERIA ESTÁ SENTADA NA MESA E TEM À SUA FRENTE UMA GARRAFA DE CACHAÇA. CAETANO ENTRA EM QUADRO E PROCURA AGARRAR A GARRAFA. QUITERIA SEGURA-A LIGEIRAMENTE E OS DOIS TÊM UMA PEQUENA LUTA.

QUITERIA - Solta. Solta, Caetano. A garrafa é minha. Ela me deu pra mim, não foi pra ti. QUITERIA DÁ UM PUXÃO FORTE E CAETANO CAI SOBRE A MESA, ARFANDO.

CAETANO - A garrafa não é tua, nada. Foi minha filha que comprou com o dinheiro dela. Portanto eu tenho mais direito do que tú porque eu sou pai e tú és madrasta.

QUITERIA - Não tenho nada que ver com o peixe. Ela trouxe, entregou na minha mão é minha, pronto. É minha e eu não dou pra ninguém. E alguém se atreva a me tirar, para ver o que acontece. Alguem se atreva.

CAETANO TENTA NOVAMENTE SEGURAR A GARRAFA, ELA DÁ UM PUXÃO MUITO FORTE E A GARRAFA VIRA EM CIMA DA MESA, DERRAMANDO O RESTO DA CACHAÇA. O VELHO MUITO LIGEIRO COMEÇA A APARAR COM A BOCA O QUE ESCORRE DA MESA PARA O CHÃO.

CORTE.

P.P. de CAETANO, aparando a bebida que cai com a boca.

DORALICE - (CONT.) com meu pai e minha madrasta.

AUDIO - PASSAGEM RETROSPECTIVA

QUITERIA - Desgraçado! Viste o que tú fizeste, miserável? Viste?

CORTE.

P.P. de QUITERIA.

QUITÉRIA, MUITO LIGEIRA, PEGA A GARRAFA E LEVA O RESTO À BOCA PARA NÃO PERDER. TERMINA DE TOMAR E VÊ CAETANO APARANDO O RESTO. ~~X~~DÁ-LHE UMA BORDOADA E ELE CAI AO CHÃO.

AFASTAMENTO até enquadrar CAETANO.

QUITÉRIA - Ordinário! Botaste fora a minha rica pinga, pois agora não has de bebe-la também.

CAETANO SE LEVANTA E VOLTA A QUERER APARAR A CACHAÇA QUE PINGA DA MESA MAS ELA TORNA A EMPURRÁ-LO COM VIOLÊNCIA, JOGANDO-O AO CHÃO.

CAETANO - Sai pra lá, mulher, não inco moda. Olha que te dou um porreção na cabeça e te deixo estendida aí no meio do chão. E te deixo apodrecer aí porque nem me dou ao trabalho de botar areia em cima de ti.

QUITÉRIA - Quem é que dá porreção? Quem é? Quitéria Venancia das Dores é mulher e mais alguma coisa, ouviu? Não é qualquer vagabundo que bota a mão nela, não, fica sabendo.

CAETANO VOLTA A QUERER APARAR A BEBIDA E QUITERIA MAIS UMA VEZ O EMPURRA, JOGANDO-O LONGE AO CHÃO.

CORTE.

P.A. de CAETANO caído ao chão.

CAETANO SE LEVANTA E PEGA UM PORRETE. VEM AVANÇANDO EM ATITUDE AGRESSIVA PARA QUITERIA. ESTA PASSA A MÃO NUMA BACIA COM AGUA E JOGA NA CARA DE CAETANO, QUE PERDE O PRUMO MAS NÃO CHEGA A CAIR. QUANDO ELE LEVANTA O PORRETE PARA DAR EM QUITÉRIA...

DORALICE - (grita) Que é isto, papai?  
ÁUDIO - ACÓRDE DE SUSTO.

CHICOTE para a porta de entrada onde está Doralice.

DORALICE ESTÁ VESTIDA MUITO POBREMENTE, E NA SUA FISIONOMIA ESTÁ RETRATADO TODO O DESGOSTO QUE ELA SENTE PELA VIDA.

DORALICE - Pare com isso. Que é que o senhor vai fazer?

CORTE.

P.A. de QUITÉRIA ENCOLHIDA E assustada e CAETANO de porrete levantado.

CAETANO FICA UM MOMENTO IMOBILISADO  
PELA ENERGIA DA FILHA E ELA SE APRO-  
XIMA DELE, TIRANDO-LHE O PORRETE.

CORTE.

P.A. de DORALICE.

PAN. P.R. acompanha DORALICE  
até onde ela vai.

~~CORTE~~ P.M. dos TRES.

CAETANO - Essa megera! Não quiz me deixar  
beber nem a cachaça derramada na mesa.

QUITERIA - Porque a cachaça era minha e  
tú derramaste de propósito. Que dê a ou-  
tra garrafa que tú ias trazer?

CORTE

P.P. de DORALICE, triste

DORALICE - O pagamento não saiu e eu não  
pude comprar. Vejo que já beberam bastan-  
te e não devem beber mais hoje. Amanhã eu  
trago uma garrafa para cada um.

CORTE

P.P. de QUITERIA

QUITERIA - Não tem nada de amanhã. O teu  
rico pai derramou a minha garrafa, tens  
que me dar outra hoje, não é amanhã.

AFASTAMENTO até enquadrar DORALICE

DORALICE - Mas eu já lhe disse que o di-  
nheiro não saiu hoje. Não posso comprar  
cachaça sem dinheiro.

QUITERIA - Não quero saber. Nós queremos  
cachaça. Não queremos?

CAETANO - Queremos.

QUITÉRIA - Então você vai arranjar cacha-  
ça agora mesmo ou vai apanhar muito.

CORTE.

P.P. de DORALICE, assustada, procu-  
rando a direção da porta.

CAETANO E QUITÉRIA INVESTEM PARA ELA,  
CADA UM ARMADO DO QUE ENCONTRAR À MÃO.

CORTE.

P.A. dos DOIS, investindo contra Do-  
ralice.

CORTE

P.A. de DORALICE fugindo, apavorada.

~~CORTE~~

P.A. dos DOIS que começam a gargalhar  
completamente embriagados.

É MAIS DOCE PERDOAR - Página 7

APROXIMAÇÃO até G.P. de QUITÉRIA, rindo esgazeada, o riso alvar dos bêbedos e dos loucos.

ÁUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com: P.P. de DORALICE, muito tristina sentada no banco de um jardim.

AFASTAMENTO até P.A. da CENA.

ENTRA EM QUADRO, FERNANDO, RAPAZ BEM VESTIDO QUE VAI PASSAR POR ELA MAS PARA E COMEÇA A OLHAR A MOÇA. VOLTA E SE SENTA NO BANCO COM ELA.

FERNANDO - Dá licença?

DORALICE, MUITO DESANIMADA, OLHA PARA ELE MAS NÃO RESPONDE, BAIXANDO OS OLHOS.

FERNANDO - Você parece que está sofrendo e eu não posso ver uma moça bonita numa tristeza tão grande. Posso ajudá-la em alguma coisa?

DORALICE - Não, obrigada. Ninguém pode me ajudar.

CORTE.

P.P. de FERNANDO, delicado

FERNANDO - Por que não? Com boa vontade e alguns recursos eu tenho a impressão de que tudo se resolve.

CORTE.

P.P. de DORALICE que leva o lenço aos olhos e enxuga uma lágrima.

AFASTAMENTO até P.A. dos DOIS

FERNANDO - Vamos, por que não confia em mim?

DORALICE - Porque não acredito nos homens.

FERNANDO - Nem em seu pai?

DORALICE FAZ UM GESTO NEGATIVO COM A CABEÇA E TORNA A ENXUGAR UMA LÁGRIMA.

FERNANDO - Nem em seu pai?

DORALICE - Não. É por causa dele que estou aqui ao desamparo e sem saber para onde ir.

CORTE.

P.P. de FERNANDO, numa expressão de quem vislumbrou uma presa fácil.

FERNANDO - Não quer vir comigo? Prometo que lhe ajudarei.

FERNANDO PEGA AS MÃOS DE DORALICE.

FERNANDO - Suas mãos estão geladas. Sou capaz de jurar que tem fome. Venha ao meu apartamento.

AFASTAMENTO até P.A. dos DOIS

DORALICE - Não.

FERNANDO - Por que?

DORALICE - Porque sei que não devo.

FERNANDO - Ora vamos... fugiu de casa por que é maltratada por seu pai; não é assim?

DORALICE SACODE AFIRMATIVAMENTE A CABEÇA.

FERNANDO - E quer ser também maltratada pela vida? (Pausa) Ao menos lá em casa você terá conforto e <sup>com frats.</sup> ~~será bem tratada.~~ (Pausa) Ou prefere voltar?

SUPERPOSIÇÃO do pai e da madrasta de DORALICE, na atitude em que ela os viu no momento de fugir de casa, sôbre a altura da cabeça da moça.

DORALICE SACODE A CABEÇA HORRORISADA, COMO QUE QUERENDO AFASTAR AQUELA LEMBRANÇA HORRIVEL, FICA SEM SABER O QUE FAZER E SE LE RETIRA A superposição. VANTA NERVOSA. ELE LEVANTA TAMBEM COM ELA. P.A. dos DOIS.

DORALICE QUEBRA UM GALHO DE PIANTA QUE ESTÁ À ALTURA DE SUA MÃO E EM CUJA EXTREMIDADE EXISTE UMA FLOR. FICA UM MOMENTO COM A FLOR NA MÃO, INDECISA.

FERNANDO - E então? Que resolve? Vamos, você não se arrependerá.

DORALICE DEIXA CAIR A FLOR NO CHÃO.

DET da FLOR caída no chão e o pé de FERNANDO amassando-a.

OS DOIS CAMINHAM E A FLOR FICA ALI, PISOTEADA.

APROXIMAÇÃO até DET da flôr.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL.

FUSÃO com DET de outra flôr num vaso, à frente de um retrato qualquer.

PAN. HOR. até DET de porta da rua.

C/REGRA - TOCA CIGARRA DUAS VEZES.

A EMPREGADA ENTRA EM CAMPO E ABRE A PORTA DA RUA. SURGE FERNANDO. ENTRA.

EMPREGADA - Boa tarde, patrão.

FERNANDO - Boa tarde. Doralice já chegou?

EMPREGADA - Não senhor. Telefonou não faz muito, para dizer ao senhor que está saindo do consultório do Dr. Proença e não vai demorar.

FERNANDO SENTA E PEGA UMA REVISTA

P.A. dos DOIS

EMPREGADA - Quer que lhe sirva um aperitivo, ou vai esperar a patrão?

FERNANDO - Não, Elvira, obrigado. Eu já estive no bar com uns amigos e não devo abusar da bebida.

ELVIRA FAZ UM MOVIMENTO PARA SAIR.

FERNANDO - Escuta, Elvira, podes servir um drinksinho para mim.

EMPREGADA - O que é que o senhor prefere? Wisky?

FERNANDO - Não, não... acho que vou tomar um vermouth.

EMPREGADA - Sim senhor.

A EMPREGADA VAI ATÉ ONDE ESTIVER A GARRAFA DE BEBIDA, OU O BAR E SERVE UM VERMOUTH, TRAZENDO-O AO PATRÃO.

EMPREGADA - O senhor vai querer mais alguma coisa, patrão?

FERNANDO - Não, Elvira, obrigado.

ELVIRA SAI E FERNANDO FICA LENDO E BEBENDO.

CONTRA REGRA - CIGARRA DE PORTA.

FERNANDO - Deve ser Doralice.

FERNANDO SE LEVANTA E VAI ELE MESMO ATENDER A PORTA.

~~CORTEX~~

PAN.HOR. acompanha FERNANDO.

FERNANDO ABRE A PORTA, DORALICE ENTRA CHEIA DE PACOTES. ELVIRA ENTRA EM QUADRO, VINDO AO ENCONTRO DE DORALICE. PEGA OS PACOTES E VOLTA COM ELES PARA DENTRO. DORALICE SENTA NO SOFÁ, TIRANDO A BOINA QUE TEM NA CABEÇA.

P. A. de DORALICE e FERNANDO.

DORALICE - Está à minha espera ha muito tempo?

FERNANDO - Não. Cheguei ha uns dez minutos, mais ou menos.

DORALICE - E eu estava aflitissima para encontrar você. Fui ao Dr. Proença.

FERNANDO - Elvira me disse que você telefonou de lá. Ele não disse a você que era tudo nervoso?

DORALICE - Não. Disse que eu tenho realmente razão de sentir o que sinto.

FERNANDO - (sorrindo) Disse mesmo, ou você não quer dar a mão à palmatória?

DORALICE - Disse. Dou-lhe minha palavra de honra.

FERNANDO - Não é preciso. Eu acredito em você.

CORTE.

P.P. de DORALICE, significativa.

DORALICE - Eu dizia a você que deveria estar com alguma coisa muito séria; não dizia?

CORTE.

P.P. de FERNANDO, sério.

FERNANDO - Dizia. Mas fale de uma vez que você está começando a me assustar.

AFASTAMENTO até P.A, dos DOIS

DORALICE - Você não imagina o que eu possa ter?

FERNANDO - Inflamação de vesícula?

DORALICE OLHA PARA ELE E SACODE A CABEÇA NEGATIVAMENTE.

FERNANDO - Apendicite?

DORALICE TORNA A SACODIR A CABEÇA NEGATIVAMENTE.

DORALICE - Bursite?

DORALICE REPETE O GESTO ANTERIOR.

FERNANDO - Óra, Doralice, por favor! Você parece que tem gosto em me torturar. Diga logo.

É MAIS DOCE PERDOAR - Página 11

CORTE

P.P. de DORALICE, encarando firme na direção de FERNANDO

DORALICE - Dentro de seis meses você será pai, Fernando.

AUDIO - ACORDE VIOLENTO DE SUSTO.

CORTE

P.P. de FERNANDO, choque terrível, desapontado.

CORTE

P.P. de DORALICE, desapontada, também, notando o desaponto dele.

DORALICE - Você... você não gostou? Por que? Pensei que você fosse ficar rãdian te, como eu...

AFASTAMENTO/ até enquadrar os DOIS.

FERNANDO - Não, não, é que... eu... eu não esperava, entende? Fui tomado de surpresa e talvez por isso...

DORALICE - Não é, não. Você não gostou, Fernando e a sua reação foi tão expontânea que não adianta negar agora. (Pausa, magoada, prendendo o pranto) Você talvez tenha razão. Afinal de contas... nossa situação é tão irregular que o nosso filho, ou filha, principalmente, poderiam sofrer as conseqüências do meu erro. Com toda a certeza foi essa ideia que lhe as saltou.

DORALICE LEVANTA E COMO QUEM TOMA UMA RESOLUÇÃO HEROICA ENDIREITA O CORPO E LEVANTA A CABEÇA PARA SAIR.

DORALICE - Mas não se preocupe, não Fernando. Não vale a pena. ~~Se houver tempo eu lhe prometo que darei um jeito.~~

DORALICE SAI. FERNANDO FICA SÓ E SE MOSTRA PREOCUPADO. LEVANTA TAMBEM, VAI AO BAR E SERVE MAIS UM CÁLICE DE VERMOUTH. TOMA.

FERNANDO - Vai ser uma complicação esse negócio agora. Justamente ~~agora~~, quando eu começo a encaminhar a minha vida.

APROXIMAÇÃO até G.P. de FERNANDO.

ÁUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com: G.P. de AUGUSTO, no confessorário.

- SET DE ROTUNDA C/CONFESSIONÁRIO -

AUGUSTO - E você pensou seriamente em praticar esse crime, minha filha?

DORALICE (F.Q.) - Pensei, Padre. Fiquei tão desesperada quando senti o desagrado de Fernando que não pude pensar noutra coisa ~~que não fosse evitar o nascimento da criança.~~

AUGUSTO - Isso é um pecado tão grande, minha filha! ~~É~~ tão grande como você ~~nenhuma~~ talvez nem possa imaginar.

AFASTAMENTO até P.A. de AUGUSTO e a FIGURANTE de DORALICE

DORALICE (F.Q.) - Eu sei, Padre. E às vezes penso que tudo que sofri com minha filha talvez tenha sido por castigo de ter tido um pensamento tão feio.

AUGUSTO - Mas vamos. Prossegue a tua história. ~~Tentaste evitar que a criança nascesse?~~

DORALICE - (F.Q.) - Tentei/ tudo, inutilmente. Fernando, justamente às vésperas de minha filha nascer, fugiu como um ladrão, durante a noite, levando sua mala de roupas e deixando-me uma carta, onde dizia: "Nada te faltará, nem ao ~~meu filho~~" (Pausa e tom) mas tudo me faltou. (Pausa) Tudo. Até mesmo do apartamento onde ele me deixou e que era propriedade dele, por várias vezes ~~ele~~ tentou me fazer sair, mandando advogados e simulando vendas. Eu lutava como desesperada, para manter minha filha e criá-la. Quando ela estava com ~~sete~~ oito anos e já frequentando o colegio, uma noite em que cheguei mais tarde do emprego...

ÁUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com DET da PORTA da saleta do apartamento.

ENTRA DORALICE, OUTRA VEZ VESTIDA SIMPLESMENTE E COM AR DE FADIGA E TRISTEZA. SENTA NUM SOFÁ OU POLTRONA.

P.A. de DORALICE.

DORALICE - Laurita! Minha filha, onde estás? A mãe já chegou. (Pausa) Laurita, não ouves a mãe chamar, minha filha?

DORALICE EXTRANHA E VAI PARA DENTRO CHAMANDO.

DORALICE - (saindo) Laurita! *Rosa* Joana, onde está minha filha?

PAN.HOR. acompanha DORALICE até sumir na porta do interior.

CORTE

DET da porta de entrada.

DORALICE - (F.Q.) Joana, onde está você? Joana! Joana! Atenda-me, por favor, que eu já estou ficando aflita.

CONTRA REGRA - CIGARRA DE CHAMADA

DORALICE VOLTA A ENTRAR EM QUADRO, SEMPRE FALANDO E VAI EM DIREÇÃO À PORTA DA RUA PARA ATENDÊ-LA, POIS A CIGARRA CONTINUA.

DORALICE - Meu Deus do Céu! Onde se teriam metido essas duas ~~que a esta hora da noite não estão em casa?~~ Algum capricho de Laurita, certamente, mas Joana não deveria concordar, porque tinha que pensar que eu ia ficar aflita.

P.A. da CENA

DORALICE ABRE A PORTA E ENTRA EULÁLIA, VISINHA BISBILHOTEIRA COMPUNGIDA, VESTIDA SIMPLEMENTE À MODA DE MULHER DO POVO.

EULÁLIA - Boa noite, vizinha, a senhora deve estar aflita, não?

DORALICE - Boa noite, dona <sup>Lucia</sup> ~~Eulália~~, estou aflita, sim, estou muito aflita, até.

EULÁLIA VAI ENTRANDO E DORALICE SEGUE-A.

DORALICE - Deixaram algum recado com a senhora? Disseram onde foram?

CORTE

P.P. de EULALIA

EULÁLIA - Não senhora, vizinha, não deixaram nada. Nem falei com elas, mas o caso é que dali da minha janela eu vi alguma coisa que talvez possa ser útil. A vizinhança fala sempre porque diz que eu vivo na janela espiando as coisas, ~~XXXXXXXXXX~~ e sei, até, que me apelidaram de rádio patrulha, mas o caso é que se não fôsse eu, o gatuno que roubou o rádio da dona Olga não tinha sido preso como também...

CORTE

P.P. de DORALICE

DORALICE - Vizinha <sup>Lucia</sup> ~~Eulália~~, por favor, eu estou aflita. Deixe os seus casos para depois. Por amor de Deus me diga o que sabe de minha filha.

CORTE

P.P. de EULÁLIA

EULÁLIA - Ah, sim, sim, tem razão, desculpe. Eu até já ia me esquecendo. Pois se eu vim aqui para isto... Pois sabe a senhora que chegou um moço muito bem vestido, parou o automovel, desceu, bateu na porta, a Joana veio atender, ele foi no automovel, agarrou uma caixa grande assim que parecia uma boneca, voltou e entrou com a caixa.

AFASTAMENTO até enquadrar DORALICE, morrendo de ansiedade e aflição.

EULÁLIA - A Joana fechou a porta e eu, momentos depois, vim espiar naquela janela. Estava a menina com uma enorme boneca nos braços e ele a beijar a criança.

DORALICE - Visinha *Lucia* Eulália, e o tipo desse homem? A senhora quer me dar uma descrição exata?

EULÁLIA - Claro que dou, pois se eu reparei tudo para lhe contar... É um homem alto, *moreno*, delgado de corpo e muito bem vestido.

DORALICE - Espere um momentinho para tirarmos qualquer dúvida.

*Doralice*  
ELISABETH LEVANTA E SAI DE QUADRO. EULÁLIA FICA OLHANDO PARA VER O QUE ELA VAI FAZER. ELISABETH VOLTA A ENTRAR EM QUADRO COM UM RETRATO DE HOMEM NA MÃO.

DORALICE - Seria este, por acaso? DÁ O RETRATO A EULÁLIA QUE O RECONHECE NE MESMA HORA.

EULÁLIA - Exatamente êle. É por isso que eu nem me incomodo quando me chamam de detetive porque eu acho que dava mesmo pra detetive, a senhora sabe?

CORTE

P.P. de DORALICE, aflitissima

*Lucia*  
DORALICE - Mas dona Eulália, por favor, a senhora ainda não contou o resto. Termine que eu estou aflita.

AFASTAMENTO até P.A. da DUAS

EULÁLIA - Ah, sim, sim, tem razão! Pois eu já ia me esquecendo novamente. A senhora sabe que eles ficaram conversando aqui na sala uma meia hora, mais ou menos? E eu lá fora, positiva. Ao fim desse tempo ele saiu

EULÁLIA - (CONT.) para a rua, Foi ao automovel, abriu a mala e ficou perto esperando. Não demorou muito a Joana surgiu com uma trouxa, uma mala, botou tudo no automovel, a menina foi com ele na frente, a Joana atraz, o automovel saiu, virou aquela esquina de lá e sumiu. E eu lá fora, positiva. Olhando tudo para contar a senhora. (susto) O que é que a senhora tem, vizinha? Está sentindo alguma coisa?

CORTE

P.P. de DORALICE, sofrendo mas contida.

DORALICE - Estou, vizinha, mas isso não tem importância agora. A senhora tem que ir comigo à polícia imediatamente, porque a minha filha acaba de ser roubada.

ÁUDIO - ACORDE DE SUSTO.

CORTE.

P.P. de EULÁLIA, cara de grande espanto

EULÁLIA - Roubada, vizinha Doralice?! Roubada?!... Meu Deus!... Olha eu, agora, envolvida com um gangster!... Deus me livre e guarde, São Jorge me proteja!

APROXIMAÇÃO até G.P. de EULÁLIA fazendo o sinal da cruz e piscando muito ao tempo que movimenta os lábios como se estivesse rezando.

ÁUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com: P.P. de AUGUSTO, ouvindo a confissão, no -SET DE CONFESSIONÁRIO

DORALICE - (F.Q.) Durante três longos anos me arrastei pela vida, sofrendo e chorando. Buscando minha filha com desespero, sem conseguir obter uma esperança.

AFASTAMENTO até P.A. da CENA

AUGUSTO - Pobre filha!... Quanto deves ter sofrido!...

DORALICE <sup>(F.Q.)</sup> - Demais, padre, demais! E à medida que o tempo ia passando, em vez de arrefecer, mais aumentava a minha dor e o meu desespero.

*Genaro*  
*Clara Fernando no tele  
foi perdido  
3 passagens  
teatro*

CORTE.

P.P. do Rôsto de DORALICE, através das grades do confessionário, um momento.

AFASTAMENTO até enquadrar o Padre Augusto, conservando-o como ponto principal do diálogo, quer falando, quer ouvindo.

AUGUSTO - Não tinhas nenhum ponto de apoio. Quanto teria te servido a fé, naquele momento!... Quanto, filha!...

DORALICE - (f.Q.) Um dia em que estava desesperada de saudade - eu já vivia então como empregada doméstica de uma família - roubei o revolver do patrão, disposta a acabar com a vida e fui para um jardim onde havia, defronte, um Grupo Escolar. Sentei-me a um dos bancos, justamente na hora da saída das crianças.

FUSÃO com: FILME DA SAÍDA DE UM GRUPO ESCOLAR.

ÁUDIO - ALARIDO E RISOS DE CRIANÇAS.

DORALICE - (F.Q.) Sentindo-me perdida ~~meu~~ no meio da alegria turbulenta da criançada o meu desespero aumentou e eu abri a bolsa de onde tirei o revolver que roubara. Olhava para aquelas meninas que corriam e em cada uma parecia ver minha filha, vindo ao meu encontro.

FUSÃO com: P.A. de PADRE AUGUSTO e DORALICE, no confessionário.

DORALICE - (F.Q.) De repente, quando eu ia por em execução o meu gesto desesperado, olho para uma preta e reconheço Jana. Mais ligeira que um raio coloco-me à sua frente para exigir explicações. Ela tenta fugir de mim e eu, na minha sede desesperada de vingança ~~da~~ sua traição, não tive tempo de refletir e disparei o revolver todo nas suas costas.

ÁUDIO - CINCO TIROS SEGUIDOS, AFASTADOS SEGUINDO-SE MÚSICA TRÁGICA QUE PERMANECE EM FUNDO E VAI DISSOLVENDO AOS POUCOS.

DORALICE - (F.Q.) O resto... o senhor já sabe.

AUGUSTO - Fôste presa e condenada a vinte cinco anos de prisão neste reformatório.

ÁUDIO - MUSICA RELIGIOSA EM SURDINA  
AUGUSTO - E o que me entristece, minha filha, é ver que ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXX~~  
~~XXXXXXXXXX~~ todo esse tempo de sofrimen-  
to e de clausura, não arrefeceu o ódio  
no teu coração. E é muito mais doce per-  
doar, acredita. E é muito mais nobre dei-  
xar ~~XXX~~ que as ofensas sejam lembradas  
por quem as praticou, em vez do que as  
recebeu. Tú descobriste, finalmente, o  
paradeiro do pai e raptor da tua filha  
e pudeste acompanhá-lo de longe. Viste  
que êle foi bom para a menina e que lhe  
deu uma vida e um meio social que tú já  
mais lhe poderias dar. Ela foi educada  
dentro de um colégio de elite, frequen-  
tou a elite de uma sociedade e casou com  
um dos rapazes das mais distintas famí-  
lias da cidade onde estava morando. Não  
achas tudo isso um prêmio para o teu so-  
frimento? Não, minha filha, tú não de-  
ves continuar pensando em vingança.  
Qualquer gesto teu, neste sentido, irá  
destruir a felicidade de tua filha e re-  
velar toda a verdade sôbre a sua origem.  
Tua filha já tem tambem uma filha que é  
tua neta. Tambem essa pobresinha ficaria  
marcada pela brutalidade de uma tragé-  
dia. Amanhã ~~XXXXXXXXXX~~ deixarás o reforma-  
tório. Voltarás a ser livre. Começarás  
uma nova existência. Procura fazer com  
que essa existência seja útil a alguém  
ou a alguma coisa, esquecendo a vingan-  
ça que é um sentimento mesquinho. Guar-  
da contigo, filha, estas palavras, porque  
um dia te lembrarás delas: é mais doce  
perdoar.

ÁUDIO - SOBE MÚSICA EM FUNDO

APROXIMAÇÃO até G.P. de AUGUSTO.

FUSÃO com: G.P. de FERNANDO, com  
mais ou menos 60 anos, num robe de  
chambre elegante, cachimbo e senta  
do numa escrivaninha bonita.

- SET DE ESCRITÓRIO LUXUOSO -

AFASTAMENTO até P.A. da CENA.

FERNANDO TERMINA DE ESCREVER UMA  
CARTA, DOBRA-A E COLOCA-A NO ENVE  
LOPE, FECHANDO-O.

CORTE

DET. de PORTA, fechada a um dos lados do escritório. A porta se abre e surge DORALICE, vestida muito simplesmente, de saia e blusa, trazendo uma grande bolsa ou carteira na mão.

DORALICE ABRE A PORTA, ENTRA, TEM O CUIDADO DE FECHAR A PORTA E SE ENCOSTA A ELA, OLHANDO PARA ONDE ESTIE R FERNANDO.

CORTE.

P.A. de FERNANDO, terminando de fechar a carta. Olha para a porta e se surpreende de ver DORALICE mas NÃO a reconhece.

CORTE.

P.A. de DORALICE se aproximando lentamente de onde está FERNANDO.  
PAN.HOR. acompanha DORALICE até onde ela vai.

DORALICE SE APROXIMA DA MESA E PARA NO LUGAR DESIGNADO PELA MARCAÇÃO.

DORALICE - Boa tarde.

P.A. DA CENA

FERNANDO - (extranhando) Boa tarde.

DORALICE - Não se lembra de mim?

FERNANDO - Confesso-lhe que não.

DORALICE - Tem razão. Faz quasi trinta e cinco anos que não nos vemos... Não obstante, se eu o encontrasse na rua seria capaz de reconhecê-lo. Aliás, isso é muito natural que aconteça. O senhor tratou de me esquecer eu, ao contrário, fiz questão de guardar a sua lembrança, dia por dia.

CORTE.

P.P. de FERNANDO, desconfiado e medroso.

CORTE.

P.A. dos DOIS

DORALICE - Acompanhei as suas vitórias... a sua ascensão... o casamento de sua filha... aliás você não queria essa filha, lembra-se?

AUDIO - ACORDE VIOLENTO.

FERNANDO SE LEVANTA BRUSCAMENTE.

CORTE.

P.P. de FERNANDO, assombrado

FERNANDO - Doralice!

CORTE.

P.P. de DORALICE, violenta.

DORALICE - (violenta) Sente-se.

CORTE.

P.A. da CENA

DORALICE - Se tentar fugir da minha presença morrerá aqui mesmo, como um cão.

DORALICE TIRA DA BOLSA UM REVOLVER.  
FERNANDO VAI SENTANDO LENTAMENTE.

DORALICE - Aliás... você vai morrer, porque eu vim aqui para matá-lo. Meu ódio, pelo que você me fez sofrer é tão grande e tão profundo que ultrapassou até mesmo a saudade de minha filha e o desejo de revê-la. Para que você possa bem avaliá-lo, basta dizer-lhe que nem estou cogitando do que ela possa sofrer com a sua morte. Só tenho um desejo e só ele me empolga: matá-lo. Portanto, Fernando, despeça-se da vida e pense que neste instante, embora ainda esteja vivendo, as suas alegrias e os seus prazeres tiveram fim, porque você nem voltará, sequer, a rever sua filha. Quando ela entrar aqui, atraída pelos estampidos do meu revólver, já você estará impossibilitado de dirigir-lhe uma só palavra.

CORTE.

P.P. de DORALICE, levantando o revólver para FERNANDO

DORALICE - E o pior de tudo é que ela vai saber o canalha que você é.

CORTE

P.P. de FERNANDO, imóvel, apavorado.

CORTE

P.A. dos DOIS

DORALICE - Vai saber toda a infâmia do seu procedimento e toda a baixeza do seu caráter. Vai saber quem sou e porque o matei.

LAURITA - (F.Q.) Posso entrar, vovôsinho?

AUDIO - ACORDE DE SUSTO VIOLENTO.

DORALICE BAIXA IMEDIATAMENTE O REVOLVER E PROCURA ESCONDÊ-LO COM O CORPO.

CHICOTE para LAURITA, na porta.

PAN.HOR. acompanha LAURITA até o avô.

LAURITA ABRAÇA-SE EM FERNANDO E BEIJA-O, GARINHOSAMENTE. DORALICE COMEÇA A OLHÁ-LA COM TERNURA.

CORTE.

P.P. de DORALICE, olhando terna a menina. SUPERPOSIÇÃO da imagem do padre AUGUSTO, pequeno, na altura da cabeça de DORALICE.

AUGUSTO - Acredite, minha filha: é mais do ce perdoar.

AFASTAMENTO até P.A. de DORALICE

DORALICE DEIXA CAIR O REVOLVER QUE TEM NA MÃO.

CORTE.

DET do revolver caído no chão.

CORTE

P.A. de DORALICE, dando as costas e saindo lentamente.

PAN.HOR. acompanha DORALICE até sumir.

CORTE.

P.A. de FERNANDO E LAURITA.

LAURITA - Que mulher engraçada! Ela é louca, vovôsinho?

FERNANDO - Não, minha filha. É apenas uma mulher que sofreu muito.

FERNANDO ABRAÇA A NETA FORTEMENTE.

AUDIO - SURTIJO MUSICAL

FUSÃO com:

- 15ª - TV PIRATINI APRESENTOU
- 16ª - em NOSSO TEATRINHO
- 17ª - É MAIS DOCE PERDOAR
- 18ª - SUITE CAMBISES MARTINS
- 19ª - HISTORIA E REALIZAÇÃO DE ERICO CRAMER.

AUDIO - DISSOLVE

ESCURECIMENTO.